

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**REBECA RIBEIRO TAVARES DE ALMEIDA DO AMARAL**

**O BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Campinas**

**2015**

REBECA RIBEIRO TAVARES DE ALMEIDA DO AMARAL

## **O BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso,  
como exigência para obtenção do  
diploma acadêmico em Pedagogia, na  
Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas –  
UNICAMP. Orientadora: Professora  
Doutora Orly Zucatto Mantovani de  
Assis

**Campinas**

**2015**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Am13b Amaral, Rebeca Ribeiro Tavares de Almeida do, 1992-  
O bilinguismo na educação infantil / Rebeca Ribeiro Tavares de Almeida do  
Amaral. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Orly Zucatto Mantovani de Assis.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Bilinguismo. 2. Educação infantil. 3. Educação bilíngue. I. Assis, Orly  
Zucatto Mantovani de, 1939-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade  
de Educação. III. Título.

Informações adicionais complementares

Titulação: Bacharel

Data de entrega do trabalho definitivo: 14-12-2015

**“A escola tem um papel fundamental, que é o de proporcionar à criança conhecimentos e experiências de vida diversificadas de forma a possibilitar o agir criador no mundo contemporâneo. A criança que é capaz de mobilizar seus saberes ao longo de seu desenvolvimento poderá encontrar respostas para os problemas que enfrenta no seu cotidiano, para mudar sua condição de vida presente e futura e para transformar sua realidade, mas também para possibilitar que mude ou afete a realidade de sua comunidade, talvez até mesma da sociedade.”**  
**(Miascovsky, 2008)**

## Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente, minha mãe, Claudia e ao meu pai, Claudio, pois acreditaram em mim e nunca duvidaram da minha capacidade, mesmo quando eu mesma não acreditava. Sei que eles não mediram esforços pra que este sonho se realizasse, sem a compreensão, ajuda e confiança deles, nada disso seria possível. Obrigada por me aconselharem e por me mostrar o caminho correto. Mãe, obrigada por ser forte, forte até por mim, obrigada por não desistir e não deixar eu desistir. A eles, além da dedicatória desta conquista, dedico a minha vida. Amo vocês, mais que tudo.

Ao meu irmão, pelas brigas e amor incondicional. Obrigada principalmente pelo carinho e companheirismo nos momentos em que a tarefa parecia grande, pesada demais.

Ao meu namorado Lucas, por toda paciência, compreensão, carinho e amor, e por me ajudar muitas vezes a achar soluções quando elas pareciam não aparecer. Você foi a pessoa que compartilhou comigo os momentos de tristezas e alegrias. Além deste trabalho, dedico meu amor a você.

“Algumas pessoas marcam a nossa vida para sempre, umas porque nos vão ajudando na construção, outras porque nos apresentam projetos de sonho e outras ainda porque nos desafiam a construí-los”. (Autor desconhecido)

.

# Agradecimentos

“[...] Tenho percebido que em qualquer grande empreendimento um homem não pode depender somente de si mesmo”. (Teton Sioux)

A Deus, simplesmente por Ser, pois sem Ele, nada seria possível, sem ele eu não teria traçado meu caminho e feito minha escolha pela pedagogia.

À minha orientadora Profa. Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis, pela competência e seriedade com que me orientou neste trabalho.

À minha mãe, Claudia, que sempre me apoiou e motivou nos momentos de indecisão e sempre segurou minha mão, quando necessário; que me inspirou neste caminho lindo de ensinar.

Ao meu pai, Claudio, que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse onde estou.

Ao meu irmão, Guilherme, pelo amor incondicional.

Ao Lucas, obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas.

Aos meus alunos, que, a cada dia, me dão mais um motivo para continuar neste caminho tão bonito que é o ensinar, sem eles, eu não seria quem eu sou hoje. Agradeço pelos beijos e abraços do dia a dia, pelos olhos de admiração.

A todos os meus colegas de trabalho, que tornaram essa pesquisa possível. Peço a Deus que os abençoe grandemente, preenchendo seus caminhos com muita paz, amor, saúde e prosperidade.

Agradeço por fim, a cada pessoa que passou por mim e me inspirou na construção da minha essência enquanto educadora.

## Resumo

Atualmente, tendo em vista o estado atual das nossas tecnologias, como por exemplo a internet, computadores modernos, tecnologia mobile (celulares, tablets), a humanidade está mais conectada e atualizada. As informações fluem de maneira rápida e dinâmica, onde conseguimos nos conectar com pessoas de outros países e receber notícias em tempo real. Nossa cultura está sendo influenciada por países como os Estados Unidos e Europa Ocidental. A partir desta perspectiva, pais procuram mais e mais instituições que podem ensinar seus filhos a língua dominante dessa geração, o inglês. O presente trabalho de conclusão de curso trata da questão do bilinguismo em um país “monolíngue” (existem 170 línguas indígenas distintas, além da língua de sinais – LIBRAS), que está sendo inserido na educação infantil. O trabalho inicia-se com a teoria do epistemólogo e psicólogo Jean Piaget sobre a linguagem e quais os estágios de desenvolvimento da criança, e como a fala se relaciona e desenvolve a partir de cada estágio. Também há a contextualização do leitor sobre o tema bilinguismo, o que é – ou o que autores acreditam que seja, como este fenômeno está inserido na educação infantil e como o encontramos no Brasil, seguido de uma pesquisa realizada na escola canadense Maple Bear, com professores que acreditam no ensino bilíngue.

## **Sumário**

<b>Apresentação</b>	<b>9</b>
<b>Lista de palavras em inglês</b>	<b>11</b>
<b>Fundamentação Teórica</b>	<b>12</b>
<b>Bilinguismo</b>	
<b>O que é o Bilinguismo?</b>	<b>19</b>
<b>O que é a Educação Bilíngue?</b>	<b>23</b>
<b>O bilinguismo no Brasil</b>	<b>29</b>
<b>O ensino bilíngue na Educação infantil</b>	<b>34</b>
<b>Pesquisa de campo</b>	
<b>Descrição da escola</b>	
<b>Breve descrição geral</b>	<b>40</b>
<b>Princípios metodológicos</b>	<b>41</b>
<b>Maple Bear Campinas</b>	<b>42</b>
<b>A Pesquisa</b>	<b>46</b>
<b>Resultados</b>	<b>46</b>
<b>Conclusão</b>	<b>51</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>53</b>
<b>Apêndice A</b>	<b>56</b>
<b>Apêndice B</b>	<b>58</b>

## Apresentação

No mundo globalizado em que vivemos atualmente, o domínio de uma língua estrangeira é de extrema importância. Na “era da globalização”, a comunicação entre pessoas ultrapassa o limite da comunicação local, assim a necessidade de se aprender mais línguas aumenta a cada dia” (Rocha, 2010, p. 239). A língua inglesa está sendo inserida em nosso cotidiano muito rapidamente, através de filmes, internet, televisão, política, jogos, brinquedos, desenhos, entre outros. As crianças do século XXI, também chamados de nativos digitais, estão, cada vez mais, vivendo um cotidiano onde é possível encontrar essa segunda língua.

Para entrar no mercado de trabalho, o diploma de ensino superior é só uma etapa, pois o acesso à educação superior está cada vez mais fácil, aumentando ainda mais a competitividade entre as pessoas; a língua inglesa passou a ser requisito básico de grandes empresas e, em resposta a exigência mercadológica do mundo contemporâneo, surge o ensino de línguas a partir dos primeiros anos e , levando em conta o mercado de trabalho e o futuro de seus filhos, pais investem cada vez mais nessa aprendizagem.

Para se adquirir fluência em uma segunda língua, autores como Rocha (2007) e Carvalho (2012) afirmam que quanto mais cedo a criança começar a ter contato com outro idioma, mais fácil e definitiva será sua assimilação e aprendizado. Elas possuem mais facilidade para aprender, pois o idioma materno ainda não está inteiramente desenvolvido. A partir deste princípio, houve um “BOOM” de escolas bilíngues voltadas para o ensino infantil.

Nesse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu, tendo o objetivo de analisar, não só a importância do ensino, mas se este é realmente significativo para crianças em idade pré-escolar.

O presente trabalho partiu da análise de uma escola bilíngue canadense com sede na cidade de Campinas, que atende a um público diferenciado de famílias, visto que se entende que este ensino faz parte de uma classe dominante.

Para ocorrer um diálogo com a pesquisa de campo, o trabalho está dividido em duas partes, teórica e prática, em que, da primeira, consta a fundamentação teórica sobre a aquisição da linguagem, de acordo com os constructos da teoria do epistemólogo e psicólogo Jean Piaget que explica como esse processo evolui durante a infância. Nesta parte, também é abordado o tema bilinguismo e a sua história do bilinguismo e ainda como ele está inserido da educação infantil, o que estudiosos afirmam sobre a questão “bilinguismo” e como o mesmo chegou no Brasil.

Na segunda parte do trabalho, estarei apresentando a pesquisa de campo realizada na escola canadense Maple Bear, localizada na cidade de Campinas. Esta partirá de uma breve descrição do ambiente pesquisado, seguido da pesquisa em campo realizada com os professores da mesma escola e seus resultados.

## **Lista de palavras em inglês**

- 1. School: Escola**
- 2. Toddlers: criança que está começando a andar**
- 3. Nursery: berçario**
- 4. Junior Kindergarten: jardim de infância junior**
- 5. Intermediate Kindergarten: jardim de infância intermediário**
- 6. Year 1: primeiro ano**
- 7. Playgrownd: parque**
- 8. Clean Up: limpar; pôr em ordem**
- 9. Circle Time: hora do círculo**
- 10. Snack: lanche**
- 11. Centers: centros**
- 12. Nap time: hora do soninho**

## Fundamentação teórica

O presente trabalho traz a teoria da psicologia genética de Jean Piaget, a fim de explicar um pouco como o autor entendia a questão da linguagem; as ideias de Vieira (2008. P.34) que acredita que o aprendizado da língua inglesa para crianças é de grande relevância, mas também os apontamentos de Rocha (2009), que afirma que para um ensino ser significativo, é necessário que haja “fatores relacionados à afetividade, à motivação e à autoestima do aprendiz-criança”.

Antes de apresentar o que Piaget acreditava, trago o quadro de Boone (1994) sobre as seis mais amplas abordagens teóricas em relação a aquisição de linguagem.

Quadro 1: Aquisição de linguagem – principais componentes e características

Abordagem	Proponentes	Características principais
Comportamental	Skinner (1957); Staats (1968); Bandura (1969);	Influência do meio em detrimento a quaisquer capacidades inatas da criança; A aprendizagem verbal pode ser condicionada; A evolução da fala acontece através do reforço positivo ou é eliminada através de reforço negativo; Enfatiza a aprovação do criador e da sociedade.
Inata	Chomsky (1965);	O bebê nasce com estrutura física necessária para ser capaz de entender e expressar a linguagem falada, sendo a única necessidade que o bebê-

	<p>McNeil (1970);</p> <p>Pinker (1984);</p>	<p>criança esteja em contato com outras pessoas que falam a língua;</p> <p>Considera a existência de um LAD (Dispositivo de aquisição de Linguagem) que age para produzir a competência gramatical.</p>
<p>Cognitiva</p>	<p>Piaget (1963);</p> <p>Cromer (1976);</p> <p>Bowerman (1989);</p>	<p>O desenvolvimento cognitivo é um pré-requisito para o desenvolvimento da linguagem;</p> <p>A criança constrói noções cognitivas sobre o mundo antes de codificá-las e transformá-las em linguagem;</p> <p>A experiência de conhecimento das crianças oferece apoio adicional para a comunicação eficaz;</p> <p>Acredita em fatores predisponentes inatos.</p>
<p>Estrutural</p>	<p>Braine (1963);</p> <p>Bloom (1973);</p> <p>Brown (1973);</p>	<p>Considera a língua como um conjunto estruturado, um sistema abstrato em que os elementos constituintes são interdependentes e que possuem ordenação e dinamismo próprios</p> <p>Examina a forma sistemática de como a linguagem se desenvolve individualmente até o modelo adulto;</p> <p>Observa a extensão da resposta de uma elocução, o tipo de palavra empregada, gramática e a combinação das palavras em diversas formas sintáticas;</p> <p>Cinco estágios do desenvolvimento.</p>

Pragmática	<p>Bates (1975);</p> <p>Bruner (1975);</p> <p>Halliday (1975);</p>	<p>O foco está em como a criança utiliza a linguagem;</p> <p>A criança adquire a linguagem a partir da interação dos aspectos biológicos com os processos sociais.</p> <p>A interação social é um componente necessário para a criança adquirir a linguagem.</p> <p>Sete funções da linguagem: instrumental, reguladora, interacional, pessoal, heurística, imaginativa e informativa;</p> <p>Desempenho bem-sucedido de linguagem deve-se continuamente ser adaptado pelo emissor, para a adequação do nível e da necessidade do receptor;</p>
Biológica	<p>Lenneberg (1967);</p> <p>Geschwind (1977).</p>	<p>Interesse em correlatos fisiológicos e anatômicos da aquisição da linguagem;</p> <p>Descrição de características biológicas por trás das habilidades linguísticas;</p> <p>Dirige-se ao “como” da aquisição da linguagem</p>

(Ferreira, 2007, Modificado pela autora deste Trabalho de Conclusão de Curso)

Em seu livro “Seis estudos de psicologia”, Piaget (1969) explica sua teoria sobre o desenvolvimento da criança em, mencionando quatro períodos ou estágios cuja evolução ele constatou a partir de suas pesquisas realizadas com bebês recém nascidos (seus próprios filhos e depois com crianças e pré adolescentes, os quais são denominados:

- Sensório-motor (0 – 2 anos);

- Estágio dos reflexos, ou mecanismos hereditários, das primeiras tendências instintivas (nutrições) e das primeiras emoções.
- Estágio dos primeiros hábitos motores, das primeiras percepções organizadas e dos primeiros sentimentos diferenciados.
- Estágio da inteligência senso-motora ou prática (anterior à linguagem), das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade.
- Pré-operatório (2 – 7 a 8 anos);
  - Estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto.
- Operatório-concreto (8 – 11 anos);
  - Estágio das operações intelectuais concretas (começo da lógica) e dos sentimentos morais e sociais de cooperação.
- Operatório-formal (12 anos em diante)
  - Estágio das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos.

Cada estágio, segundo Piaget (1969), é caracterizado pela aparição de estruturas originais, que se distinguem das construídas os estágios anteriores e das que serão construídas nos estágios posteriores.

“A cada instante, pode-se dizer, a ação é desequilibrada pelas transformações que aparecem no mundo, exterior ou interior, e cada nova conduta vai funcionar não só para restabelecer o equilíbrio, como também para tender a um equilíbrio mais estável que o do estágio anterior a esta perturbação.

A ação humana consiste neste movimento contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração. É por isto que, nas fases de construção inicial, se pode considerar as estruturas mentais sucessivas que produzem o desenvolvimento como formas de equilíbrio” (Piaget, 1969).

O período **sensorio-motor** é marcado por extraordinário desenvolvimento mental, sendo este decisivo para todo o curso da evolução

psíquica, pois representa a conquista através da percepção e dos movimentos de todo o universo que cerca a criança.

O período **pré-operatório** é considerado a idade áurea da vida, “pois é nesse período que o organismo se torna estruturalmente capacitado para o exercício de atividades psicológicas mais complexas, como o uso da linguagem articulada (Ferreira, 2007).

No livro “A linguagem e o pensamento da criança”, Piaget (1973) inicia o primeiro capítulo com a pergunta “quais são as necessidades que a criança tende a satisfazer quando fala? ”. O autor afirma que este problema não é algo propriamente linguístico, nem lógico; ele parte da psicologia funcional.

À primeira vista, parece que na criança, a fala **surge** como meio de comunicação do pensamento, como ocorre para nós, adultos. Porém, não é algo tão simples assim. Piaget afirma que, às vezes, a linguagem aparece como constatação, outras vezes como ordens ou desejos, serve para despertar sentimentos e provocar atos. “Se a função da linguagem fosse unicamente comunicar, seria difícil explicar o fenômeno do verbalismo” (Piaget, 1973).

Janet (1921, apud Piaget, 1973) acredita que as primeiras palavras derivam de gritos acompanhados de ações (gritos de cólera, de ameaça), logo, as primeiras palavras estão ligadas às ações; em seguida, ela, sozinha, é suficiente para provocar a ação.

Piaget afirma que, as crianças em fases iniciais da fala, geralmente conversam sozinhas, consigo mesmas e isto é bastante comum. Entende-se que “o falar sozinho” é uma preparação inconsciente da linguagem da criança para o mundo.

Piaget, quando explica a linguagem infantil, traz dois grandes grupos de linguagem, a egocêntrica e a socializada. A linguagem egocêntrica é aquela em que a criança não se importa se está sendo escutada ou não. Piaget diz:

[...] a criança não se preocupa em saber a quem fala nem se é escutada. Ela fala, seja a si própria, seja pelo prazer de associar não importa a quem à sua ação imediata. Esta linguagem é egocêntrica, em primeiro lugar, porque a criança não fala a não ser de si mesma, e em segundo lugar porque não procura colocar-se no ponto de vista do interlocutor. (Piaget, 1973 p.35)

A linguagem egocêntrica é dividida em três eixos, sendo eles:

1. Repetição
2. Monólogo
3. Monólogo a dois ou coletivo

Na **Repetição**, a criança repete as palavras que escuta, porém não há a preocupação se alguém a escuta; a criança não tem a intenção de se comunicar, assim como no **Monólogo**; neste a criança está somente verbalizando seu pensamento, não havendo novamente a intenção de comunicação.

Já no **Monólogo a dois ou coletivo** existe, aparentemente, uma interação, mas, na realidade, as crianças falam ao mesmo tempo sem fazer relação com a fala uma das outras. Elas estão, novamente, verbalizando seus pensamentos, não existe intenção de se comunicar nem de ser ouvida.

No grupo da linguagem socializada “o sujeito consegue fazer-se ouvir pelo seu interlocutor e age sobre ele, isto é, comunica-lhe alguma coisa” (PIAGET, 1973, p.345).

Nesse caso, a linguagem é dividida em cinco eixos:

1. A informação adaptada
2. A crítica
3. As ordens, súplicas e ameaças
4. As perguntas
5. As respostas

Na **Informação adaptada**, a criança tem a intenção de se comunicar e verbaliza seu pensamento para outra pessoa, ela tem a intenção de ser ouvida e de obter uma resposta, assim como quando a **crítica** é utilizada. A única diferença entre ambos eixos é a questão da afetividade.

No eixo das **ordens, súplicas e ameaças** uma criança está sempre superior a outra, baseando esta interação na afetividade.

As **perguntas e respostas** são apresentadas como linguagem socializada pois, naturalmente, a criança irá se comunicar, esperar uma resposta e responderá novamente. O diálogo está bastante presente nestes

eixos, porém a troca real de pensamento entre crianças na faixa etária de 6 anos ainda é restrita.

Em resumo, quase nunca a criança se pergunta se é compreendida, pois não pensa nos outros, quando fala, monologa coletivamente. Sua linguagem não se torna semelhante à dos adultos, a não ser quando tem interesse imediato de fazer-se compreendida, quando dá ordens, faz perguntas etc. Para simplificar as coisas, pode-se dizer que o adulto pensa socialmente mesmo quando está só e que a criança de menos de sete anos pensa e fala de maneira egocêntrica, mesmo quando está em sociedade (PIAGET, 1973, p.69)

Piaget (1973) também cita a existência das **críticas e zombarias**, sendo essas manifestações de amor próprio e não intelectuais, havendo o desejo de afirmar a própria superioridade.

Além desses dois grupos (egocêntrico e socializado), Piaget (1973) constatou que a linguagem não depende somente do desenvolvimento, mas também das relações que as pessoas têm. Sendo a linguagem um meio de comunicação entre indivíduo e grupo social, o meio acaba influenciando o coeficiente de egocentrismo<sup>1</sup>.

A aquisição de linguagem só é possível, segundo Piaget (1973), a partir da imitação e, é a partir desta manifestação da função simbólica, que entra a educação bilingue.

A criança, quando entra em uma sala bilingue, pode (ou não) já ter se apropriado da língua materna, o português, no caso do Brasil. Quando se depara com um ambiente totalmente voltado para outra língua, ela parte da observação e imitação para que haja a apropriação dessa nova linguagem. Porém, este ponto será tratado nos próximos capítulos.

---

<sup>1</sup> O coeficiente de egocentrismo está presente em todas as crianças, porém ele varia de criança para criança. Uma criança pode ser mais egocêntrica que outras, de acordo com o meio em que está inserida.

# Bilinguismo

## O que é Bilinguismo?

“Atualmente, ser fluente em mais de um idioma é praticamente um critério de sobrevivência” (Vieira, 2008, p.34).

Como já dito anteriormente, a importância da dominação de uma segunda língua é algo presente em nossa sociedade. Utiliza-se o inglês, por exemplo, no vestibular, faculdade, livros, viagens, e outros; logo, ela não restringe-se somente às crianças.

O conceito de bilinguismo, como afirma SILVA, “é complexo e pode envolver várias dimensões ao se definirem”. Na visão popular, ser bilíngue significa ser fluente em duas línguas diferentes, porém Macnamara (1967) afirma que não existem pessoas bilíngues perfeitos e completos, “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa”.

Desde Comenius (1621/1657 apud SOARES, 2009) a dominação de outra língua já tinha certa importância. Naquela época, utilizava-se a língua materna para tratar de negócios domésticos e a língua dos países vizinhos para negociar com os mesmos. Para compreender livros e escritas, era necessário o domínio do Latim. Os médicos e os filósofos possuíam o domínio da língua grega e árabe; já entre os teólogos, o domínio era do grego e hebraico.

“Aprender uma língua não é só questão de status social, é uma habilidade que abre portas para outras culturas e visões de mundo, tomando o indivíduo mais preparado” (Soares, 2009 p.49).

O bilinguismo pode acontecer em várias circunstâncias, tais como:

- Em países que possuem duas ou mais línguas oficiais (como é o caso do Canadá, por exemplo);

- Em países que possuem mais de uma língua mesmo que não oficiais (Estados Unidos, Brasil, Alemanha, entre outros);
- Crianças, adolescentes ou adultos que aprendem uma outra língua (diferente da materna) em escolas;
- Imigrantes que falam sua língua materna e a do país para onde migraram;
- Crianças que têm pais com nacionalidades diferentes;
- Pessoas surdas, que além de usarem a língua de sinais, também utilizam a língua oral ou a escrita da língua majoritária do país, na tentativa de comunicar-se com ouvintes, sendo este tipo de bilinguismo, um fato particular.

Hamers & Blanc (1989) entendem bilinguismo como a capacidade ou a competência de se fazer o uso de duas línguas com um mínimo de proficiência. Já Weinteich (1953), afirma que este se trata do uso alternado de línguas, sendo o sujeito bilíngue alguém que faz o uso regular de duas ou mais línguas.

Segundo Hamers & Blanc (1989), há vários fatores que permeiam a natureza do bilinguismo, como a idade em que os sujeitos aprenderam as outras línguas, a proficiência em relação a essas línguas e sua utilização, as representações sociais e culturais para a identidade do sujeito e seu contexto social, sendo assim, este fenômeno (o bilinguismo), deve ser estudado a partir de uma “ótica multidimensional”.

Parece ser simples o fato de bilinguismo ser o sujeito que fala duas línguas e multilinguíssimo três ou mais, porém não é algo tão fácil; segundo Baker (2006) é necessário distinguir as diferenças entre o bilinguismo individual, que tem como foco principal a fala do sujeito bilíngue (Mello, 1999) e o bilinguismo de um grupo social, comunidade, região ou país.

Baker (2006) ainda afirma que, para definir uma pessoa bilíngue é necessário:

- Habilidade linguística nas duas línguas;
- Usa das línguas;
- Idade de aquisição das línguas;
- Cultura;
- Contexto.

Fávaro (2009) ressalta que este autor afirma “que a língua não pode aparecer separada do contexto em que é utilizada, uma vez que a mesma nunca é produzida em um vácuo, em outras palavras, uma comunicação entre duas ou mais pessoas inclui não somente a estrutura da língua, mas também quem está falando, o que se está falando, para quem e em que circunstâncias”.

Segundo Zorzi (2014), o bilinguismo ainda pode ser classificado em quatro grupos diferentes:

1. Bilíngue bicultural;
2. Bilíngue monocultural;
3. Bilíngue aculturado;
4. E bilíngue deculturado;

Estes grupos dependem da identidade que os sujeitos estabelecem com a cultura das línguas que foram adquiridas, por exemplo as pessoas bilíngues biculturais se identificam com as culturas das duas línguas adquiridas, diferente do bilíngue monocultural, que não apresenta nenhum tipo de identificação com a cultura da segunda língua aprendida.

O bilíngue aculturado abandona a cultura de sua primeira língua, adotando apenas a cultura da segunda língua que é aquela que ele se identifica e o bilíngue deculturado rejeita sua própria cultura, mas também não adota a da segunda língua, ocasionando uma ambiguidade cultural.

Outro tipo de bilinguismo proposto por vários autores, como Fávaro (2009), é o bilinguismo funcional, no qual o indivíduo restringe o uso da língua estrangeira em algumas atividades de sua vida social ou profissional. Baker (2006) afirma que os bilíngues funcionais aprendem outra língua para utilizá-la efetivamente na sociedade em que estão inseridos, como é o caso dos imigrantes, sua língua materna é insuficiente para meios educacionais, políticos, profissionais, entre outros.

Existe também outros dois tipos de bilinguismo citados por Baker (2006), o **bilinguismo infantil** e o **bilinguismo tardio**.

Fávaro (2009) ressalta que, “em seu texto, Baker (2006) diz que em relação à idade em que as línguas são aprendidas, ocorre a existência de dois tipos de bilíngues: simultâneo ou bilíngue infantil (crianças que aprendem duas línguas desde o nascimento) e consecutivo ou sequencial (crianças que aprendem outra língua, após, mais ou menos, 03 anos de idade).”

Ou seja,

(...) bilinguismo infantil simultâneo se refere à criança adquirindo duas línguas ao mesmo tempo desde o nascimento, algumas vezes, chamado de bilinguismo infantil, aquisição bilíngue e bilíngue de aquisição de primeira língua. Por exemplo, quando um pai fala uma língua com a criança e o outro pai fala uma língua diferente, a criança provavelmente irá aprender as duas línguas simultaneamente [...] bilinguismo sequencial infantil acontece quando uma criança aprende uma língua em casa e depois vai à escola de educação infantil ou de ensino fundamental e aprende uma segunda língua [...] (Baker, 2006:97 apud Fávaro, 2009, p.37)

A questão do bilinguismo é muito difícil de ser caracterizada, como afirma Fávaro (2009), uma vez que definir exatamente quem é ou não bilíngue é praticamente impossível.

Visando aos pontos aqui discutidos, pode-se concluir que o bilinguismo pode ser infantil (desde o nascimento), ou tardio (ocorrendo depois de alguns anos, até na fase adulta) e, dentro dessas duas categorias, encontram-se outras, como as razões diversas (social ou pessoal) e as maneiras (família, escola, comunidade, sociedade, trabalho etc) nas quais o bilinguismo acontece.

## O que é Educação Bilíngue?

“Aprender uma língua não é só questão de *status* social. É uma habilidade que abre as portas para outras culturas e visões de mundo, tornando o indivíduo mais preparado” (Soares, 2009)

Como vimos no capítulo anterior, o bilinguismo não pode ser caracterizado de uma só maneira, o meio no qual o indivíduo está inserido, a história, a política, os interesses individuais e coletivos da sociedade, tudo interfere na definição do bilinguismo.

Ou seja, “para educar uma população linguística e culturalmente diversa, é necessário definir o que se espera atingir e para quem são destinados os programas de ensino” (Souza, 2014).

Não se sabe ao certo onde, quando ou quem deu os primeiros passos em direção a ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Como citado anteriormente, a necessidade de comunicação com o outro, foi o que deu início às primeiras tentativas de se aprender uma língua.

Segundo Mclaughlin (1985, apud Soares (2009), desde o 3º. Milênio A.C., os sumérios tinham escribas que se dedicavam exclusivamente à educação, assim como os egípcios, que tinham escribas que os ensinavam as línguas dos povos conquistados.

Este autor afirma que as línguas eram ensinadas tanto da maneira formal (adquirida em uma instituição), como da maneira informal (convivência de indivíduos que falam línguas diferentes), como é o exemplo das crianças romanas que ouviam grego na infância de uma babá ou escravo.

Mclaughlin (1985 apud Soares 2009), quando as crianças iniciavam sua educação formal, já eram bilíngues, falavam o latim e o grego.

Todo homem culto era bilíngue, tendo estudado latim desde criança; latim era a língua internacional da cultura e da comunicação e crença durou até o período da Renascença.

Até meados da década de 1960, as pesquisas existentes sobre o bilinguismo apontavam desvantagens associadas a esse tipo de educação, nas quais chegaram a culpar o bilinguismo por insucessos acadêmicos e a

relacioná-lo com a baixa renda, status social inferior e pouca escolaridade (Hakuta, 1986 apud Martins, 2007). Porém, percebe-se que houve falhas metodológicas que resultaram de uma confusão entre o Bilinguismo e os fatores ambientais dos grupos estudados na época. Butler e Hakuta (2004 apud Flory, 2008) esclarecem que essas “falhas metodológicas” envolviam o controle de variáveis como a inteligência não verbal, o nível socioeconômico, a composição dos grupos a serem pesquisados e a questão da língua utilizada nos testes. Assim esses problemas metodológicos que foram ajustados, os resultados das pesquisas passaram a apontar vantagens e desvantagens relacionadas ao Bilinguismo. Segundo as autoras, o período da descoberta dos efeitos positivos do Bilinguismo, ganha maior visibilidade em uma pesquisa feita por Peal & Lambert em 1962.

A pesquisa de Peal & Lambert, como afirma Souza (2014), resultou no primeiro projeto de ensino bilíngue sistematizado, conhecido como *Projeto Lambert*, que aconteceu no Canadá, país colonizado pela Inglaterra que recebeu um grande número de imigrantes franceses durante sua colonização.

Soares (2009) afirma que políticas oficiais endossaram o bilinguismo desde os primeiros dias da Coroa Britânica no Canadá, mas foi só em 1968-1969 que o governo federal decretou o Ato Línguas Oficiais, onde o inglês e o francês foram declaradas línguas oficiais, tendo direitos iguais em todos os aspectos da administração federal.

Nos anos 60, a diversidade linguística ainda era muito significativa no Canadá e estudiosos, entre eles Wallace Lambert, “decidiram que era importante desenvolver meios educacionais para reduzir a ignorância das crianças anglo canadenses<sup>2</sup> em relação à língua e aos costumes dos franco canadenses”<sup>3</sup> (Soares, 2009).

O resultado disso foi um programa desenvolvido em conjunto com um grupo de pais dos alunos anglo canadenses de Montreal; eles estavam descontentes com o ensino de língua estrangeira das escolas e acreditavam

---

<sup>2</sup> Canadense que possui ancestralidade inglesa.

<sup>3</sup>No sentido histórico, um habitante do Canadá cujos antepassados viviam nas comunidades francesas originais do que hoje é o Canadá.

que o ensino da segunda língua (L2) deveria começar somente no ensino fundamental.

Propuseram, então, que seus filhos aprendessem a L2 de forma natural, ou seja, que o francês fosse colocado aos alunos como língua não só de ensino, mas também de interação.

Segundo, Grosjean (1982 apud Souza, 2014) foi assim que nasceu o *Projeto Lambert*, que foi monitorado por psicólogos e educadores da Universidade de McGill. Nesse projeto, segundo o autor, todos os alunos do grupo anglo canadenses tinham aulas em francês, com professores franceses, na educação infantil e na primeira série. Na Educação infantil, as crianças ainda podiam falar o Inglês, mas na primeira série a língua inglesa começava a ser desencorajada. Os professores se comunicavam o tempo todo em francês, com o intuito de criar um ambiente totalmente francês e para encorajar as crianças.

Na primeira série, as crianças alfabetizadas em francês e tinham os ensinamentos matemáticos na mesma língua. Na segunda série, as crianças começavam a estudar o inglês uma hora por dia na escola. Nas demais séries o inglês era introduzido, cada vez mais, até que na sexta série, um pouco mais da metade das aulas, eram em Inglês.

Com esse estudo observou-se que os alunos desse grupo, segundo Grosjean (1982 apud Souza, 2014), estavam no mesmo nível de inteligência, que os alunos que aprenderam aos mesmos conteúdos em uma só língua. A pesquisa ainda ressalta que a aquisição do conteúdo não o prejudica e que a competência e o domínio da segunda língua se apresenta bem melhor em relação aos outros anglo canadenses da mesma idade.

A partir da observação desse programa canadense de educação bilíngue, teve início uma série de outros programas semelhantes.

Segundo Cummings (2004), a educação bilíngue tem duas versões: **forte** e **leve**. A versão **forte** se dá quando as crianças têm permissão de utilizar a língua nativa no currículo por um curto período de tempo; na educação regular, as crianças farão uso somente da língua majoritária. A segunda versão ocorre quando ambas as línguas são usadas na escola, promovendo o bilinguismo e a alfabetização de ambas as línguas.

Dentro de uma perspectiva sociolinguística, Fishman & Lovas (1970 apud MEGALE, 2005), baseiam-se em três grandes categorias para definição de educação bilíngue:

- Intensidade
- Objetivo
- e Status

Na categoria “**intensidade**” aparecem quatro tipos de programas bilíngues. O primeiro é o bilinguismo transicional. Nele, a L1 (Língua materna) é utilizada apenas como veículo facilitador na transição para a L2 (segunda língua). O segundo programa é denominado bilinguismo mono-letrado. Neste, a escola utiliza as duas línguas em todas as atividades, mas a criança é alfabetizada apenas na L2. O terceiro programa é o bilinguismo parcial biletado, em que ambas as línguas são utilizadas tanto escrita quanto oralmente, mas as matérias são divididas de tal forma que a L1 é utilizada apenas para as chamadas matérias culturais, como: história, artes e folclore; enquanto a L2 é utilizada para as demais matérias. O quarto programa é o bilinguismo total biletado no qual todas as habilidades são desenvolvidas nas duas línguas em todos os domínios.

Na categoria “**objetivo**”, o autor classifica a educação bilíngue em três diferentes programas, sendo o primeiro o programa compensatório, no qual a criança é instruída primeiramente na L1, visando a sua melhor integração no contexto escolar. O programa de enriquecimento é o segundo programa, no qual, ambas as línguas são desenvolvidas desde a classe de alfabetização e são utilizadas como meio de instrução de conteúdos. O terceiro programa é o de manutenção do grupo, no qual a língua e a cultura das crianças pertencentes ao grupo minoritário são preservadas e aprimoradas.

Na categoria “**status**”, encontramos mais quatro dimensões. São elas:

- Língua de importância primária versus a língua de importância secundária na educação
- Língua de casa versus a língua da escola

- Língua mais importante e a língua de menor importância
- Língua institucionalizada versus a língua não institucionalizada na comunidade.

Entretanto, Theiry (1978, citado por Martins, 2007 apud PASSOS, 2012) afirma “o real bilíngue é alguém que é levado a ser membro efetivo de duas comunidades linguísticas e traz consigo aproximadamente as mesmas raízes culturais e sociais”.

Em sua tese, Wolffowitz-Sanches (2009) completa a ideia de Theiry, quando aponta que a língua na educação bilíngue aumenta a compreensão de mundos dos indivíduos, assim como auxilia a concretização de ações e discursos, em diferentes contextos da vida humana. A língua possibilita ao indivíduo uma nova concepção de si mesmo.

Pesquisas atuais já têm apresentado aspectos positivos do bilinguismo, uma vez que essas indicam que estudantes bilíngues têm desenvolvido melhor suas habilidades cognitivas, sociais, culturais e apresentam até ganhos econômicos (Passos, 2012).

Martins (2007) afirma que há vantagens na introdução precoce das crianças à L2, pois elas possuem um “distanciamento vantajoso dos mecanismos linguísticos”, facilitando a apropriação da língua. Baker (1989 apud Martins, 2007) concorda com Martins quando afirma que a aquisição da segunda língua passa por um processo e esse ocorre de forma mais efetiva quanto mais cedo a criança é introduzida no meio bilíngue.

“Sujeitos bilíngues apresentam melhores desempenhos na tarefa. Os cientistas chegaram à conclusão que falantes bilíngues são capazes de lidar melhor e mais rápido com distrações e isso pode ajudá-los a desempenhar melhor as tarefas mentais que apresentam declínio com a idade. O estudo também concluiu que pessoas bilíngues são melhores em cumprir tarefas múltiplas do que as monolíngues.” (Martins, 2007)

Martins (2007) ainda completa que o ponto central da educação bilíngue é envolver a criança não somente em exposição da L2, mas também da cultura a que esta língua pertence, nunca descartando a cultura materna, principalmente na educação infantil. O currículo dirigido a aprendizes de uma

segunda língua deve promover de forma natural o universo na qual esta língua é inserida, mas sempre ampliando os valores também da língua materna.

Para que haja uma educação significativa, é de extrema importância que a segunda língua seja associada ao cotidiano da criança, sendo inserida em sua rotina. É fundamental ainda que pais incentivem essa aprendizagem, para que aconteça de forma mais natural e prazerosa.

## O bilinguismo no Brasil

Para continuarmos falando sobre a educação infantil e o bilinguismo, acredito que seja de extrema importância situar o leitor do processo de chegada do bilinguismo ao Brasil, e como este acabou instalando-se na educação infantil.

Cavalcanti (1999, apud SILVA, FREITAS, 2012) afirma que falar de educação bilíngue no Brasil causa estranheza. Ele baseia esta afirmação em três afirmações:

1. No Brasil, existe o mito na monolingüagem, na qual silencia a diversas línguas existentes em nosso país, como as línguas indígenas, as línguas de imigrantes e a língua da comunidade surda, a língua de sinais.
2. O acesso à línguas de prestígio internacional é um privilégio de poucos, tornando isso um caráter elitista de educação.
3. Os contextos apresentados na primeira razão são neutralizados, tornando-se invisíveis aos olhos da sociedade.

Soares (1999) afirma que toda a América, por ter sido colonizada, sempre apresentou bastante pluralidade. Passos (2012) ressalta:

“Os colonizadores, ao chegarem no Brasil não sabiam como se comunicar com os habitantes, que por sua vez tinham diferentes tipos de linguagem. Com toda essa pluralidade eles foram obrigados a aprender as línguas nativas para então poder ensinar a língua do país de origem e, no nosso caso, o português” (PASSOS, 2012).

Quando a família real se instalou no Brasil, o ensino de inglês e francês passou a ser obrigatório nas escolas. Em 1888, o inglês e o alemão eram línguas de opção curricular. Com a reforma em 1931, o francês também passou a ser um ensino opcional.

Em 1942, o Ginásio passa a ter latim, francês e inglês em seu currículo obrigatório e o Colegial passa a ter o francês, inglês e espanhol. De 1961 a 1971, as Leis de Diretrizes e Bases (LDB) excluíram toda a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras; os estados ficaram com a responsabilidade de optar ou não pelo ensino de língua estrangeira.

Em 1976 é decretado a obrigatoriedade do ensino da língua inglesa para o colegial, pois o inglês foi ganhando espaço no Brasil, enquanto a língua francesa perdia sua força, e é finalmente em 1996 que o ensino de línguas a partir da 5ª série (ou 4º ano) torna-se obrigatório.

Segundo Gaddol (2006, apud WOLFFWITZ-SANCHEZ apud PASSOS, 2012), foi na década de 80, quando o francês parou de ser obrigatório, que o ensino de inglês para crianças começa a crescer e permanece até hoje, sendo este um fenômeno mundial.

David (2007, apud PASSOS, 2012) assegurou que na década de 90, principalmente na cidade de São Paulo, o ensino da língua inglesa passou a ser oferecido como segunda língua, aumentando assim escolas que ofereciam uma educação bilíngue. A partir desse grande aparecimento de escolas bilíngues, em outubro de 2000, a Organização das Escolas Bilíngues do Estado de São Paulo (OEBI) surgiu.

Esta organização compromete-se com o desenvolvimento e a expansão do ensino bilíngue no Estado de São Paulo. Seus objetivos são:

- Promover e propagar o Ensino Bilíngue por meio da socialização de saberes e conhecimento;
- Buscar a excelência do Ensino Bilíngue por meio de formação e troca de experiências entre as Instituições de Ensino;
- O reconhecimento como organização qualificadora de instituições de Ensino Bilíngue primando pela qualidade educacional e excelência acadêmica;
- Agregar escolas bilíngues e profissionais comprometidos com a qualidade de ensino, promovendo o bem-estar, o estímulo do aprendizado e o crescimento humano;
- Promover a relação entre a comunidade bilíngue envolvendo pais, profissionais e alunos; (OEBI, acessado em 27 de agosto de 2015).

A qualidade do ensino, somada com a produção do bem-estar, ao desenvolvimento da autoconfiança e das habilidades individuais e ao estímulo do aprendizado, são seu foco principal.

Se tirarmos nosso foco do ensino de línguas estrangeiras, veremos que no Brasil também existem outros tipos de ensino que poderiam considerar o Brasil um país bilíngue ou multilíngue.

Oficialmente, a educação bilíngue para as comunidades indígenas tornou-se uma realidade, a partir do reconhecimento e da conquista do direito

de ensino da língua indígena como língua materna pela Constituição Federal de 1988 (MELLO, 2002).

Em 2007, o INEP apresentou um crescimento de 40,5% de estabelecimentos que oferecem educação indígena (WOLFFWITZ-SANCHEZ, apud PASSOS, 2012). A população indígena possui cerca de 325.652 indivíduos (Cavalcanti 1999), porém a autora afirma que o crescimento desses grupos é real, pois o governo tem desenvolvido mecanismos de proteção e de direitos civis que asseguram a taxa de natalidade aos indígenas, sendo essa maior que a taxa nacional. Fávoro (2009) afirma que esta população está dividida em cerca de 215 etnias e falam cerca de 170 línguas distintas, sendo o tupi e o macro-jê as duas línguas mais reconhecidas, porém isso não é o bastante para o Brasil ser considerado um país bilíngue. SILVA e FREITAS (2012) ressaltam que, “por se tratar de línguas minoritárias, principalmente no sentido de apresentarem menor prestígio social, político e econômico no contexto brasileiro, o uso dessas línguas, em geral, está restrito ao uso doméstico entre nativos das tribos indígenas”.

Há também o crescente incentivo à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) - língua utilizada pela comunidade de surdos. O Decreto 5.626 de 2005, que regulamenta a Lei 10.436/02, definiu formas institucionais para o uso e difusão de LIBRAS e da língua portuguesa, visando a possibilidade de acesso de pessoas surdas à educação. Este decreto inclui a LIBRAS como disciplina curricular nos cursos de formação de professores, mas, infelizmente, ela está longe de fazer parte do cotidiano de todos os brasileiros.

Existe outro tipo de educação bilíngue, sendo este a educação de fronteira. Wolffowitz-Sanchez (2009) confirma a existência de 8 escolas brasileiras e 7 escolas argentinas participando deste programa; “o projeto, que tem origem na declaração conjunta firmada em Buenos Aires, em junho de 2004, pelos ministros da Educação, Ciência e Tecnologia da Argentina, Daniel Filmus, e da Educação do Brasil, Tarso Genro, previa a troca de experiência entre alunos e professores de escolas públicas brasileiras e argentinas. Desde 2005, o projeto é desenvolvido entre os dois países” (Wolffowitz-Sanchez, 2009).

Já Souza (2014), para falar de educação bilíngue de fronteira, apresenta as pesquisas de comunidades de imigrantes feita por Jung (1997), onde o foco é a compreensão de contextos bilíngues, porém os falantes de línguas são consideradas de baixo prestígio ou minoritárias. Souza (2014) afirma, é importante ressaltar, que essas línguas mesmo sendo consideradas minoritárias, geram influências não apenas culturais, como de políticas públicas. Um exemplo disso, seria a implementação do ensino de Espanhol e do Alemão em escolas públicas nas divisas do sul do Brasil.

WOLFFWITZ-SANCHEZ, 2009, apresenta um quadro que resume os tipos de educação bilíngue encontrados no Brasil:

Quadro 2. Modelos de Educação Bilíngue no Brasil (Wolffowitz-Sanches, 2009 p. 45).

TIPO DE PROGRAMA	POPULAÇÃO-ALVO	LÍNGUA FALADA NA AULA	OBJETIVO EDUCACIONAL E SOCIAL	OBJETIVO NA PRODUÇÃO LINGUÍSTICA
Bilíngue em LIBRAS	Surda	LIBRAS Língua Portuguesa Brasileira ou Línguas Estrangeiras na modalidade escrita	Inserção sócio discursiva local e Enriquecimento pelo acesso à modalidade escrita em outras línguas	Bilinguismo e letramento (em língua de sinais para LIBRAS e letramento para outras línguas)
Bilíngue em Línguas Indígenas Brasileiras	Indígena	Línguas Indígenas Língua Portuguesa Brasileira	Manutenção Herança das Línguas Indígenas Brasileiras	Bilinguismo e biletamento

Bilíngue em línguas internacionais	Brasileira	Língua Internacional e Língua Portuguesa Brasileira	Enriquecimento e inserção sócio discursiva e global	Bilinguismo e bilinguismo
De Fronteira	Fronteiriça	Língua de Fronteira e Língua Portuguesa Brasileira	Enriquecimento e inserção sócio discursiva e global	Bilinguismo bilinguismo

Segundo o IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas), o Brasil tem 220 línguas diferentes, das quais 180 são indígenas, 30 são línguas de emigração e duas línguas de sinais. Como afirma Souza (2014), diferente dos países estrangeiros, que em sua grande maioria, assumem a utilização de duas ou mais línguas, o Brasil, ao ser denominado monolíngue, está a ignorar as línguas minoritárias faladas em todo o seu território.

Outro ponto muito importante a ser destacado é como se dá o surgimento de escolas bilíngues no país, uma vez que o Brasil vem sendo conceituado por um país monolíngue.

Diferente de outros países, a educação bilíngue no Brasil surge com as mudanças econômicas e de mercado, e são as mudanças culturais e sociais que acabam introduzindo esse novo tipo de educação, que visam essas novas demandas do mercado (FÁVARO, 2009). É com esse olhar que Méjia (2002, apud FÁVARO, 2009) ao falar sobre a educação bilíngue a denomina de “educação bilíngue de elite”, pois as escolas têm alto custo e geralmente são acessíveis somente a uma população privilegiada economicamente. A legislação atual da Educação Infantil não apresenta a obrigatoriedade do ensino da língua estrangeira (WOLFFWITZ-SANCHEZ, 2009), logo, este tipo de ensino não está presente nas escolas públicas na educação infantil.

## O ensino bilíngue na Educação infantil

“[...] a pré escola tem como papel social o de valorizar os conhecimentos que as crianças possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos, exercendo o que me acostumei de chamar de função pedagógica da pré escola (Abramovay e Kramer, 1984 apud Kramer, 1985)

A educação infantil no Brasil já faz parte da Educação Básica, segundo a Lei n<sup>o</sup> 12.796/2013. Segundo a LDB (Lei de diretrizes e bases da educação nacional):

“Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) pré-escola;
- b) ensino fundamental;
- c) ensino médio;

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB 11ª edição, Atualizada até 19/3/2015).”

Segundo Kramer (1985), “creche” e “pré escola” são distinguidas pela idade das crianças e por seu funcionamento e sua extensão em termos sociais; a creche atende crianças de 0 a 3 anos e se caracteriza por “uma atuação diária em horário integral” (Kramer, 1985), já a pré escola acolhe crianças de 4 e 5 anos e apresenta um funcionamento semelhante ao da escola de meio período.

A autora também afirma que “há ainda uma terceira classificação que diz respeito à vinculação administrativa: a creche se subordinaria, assim a órgãos de caráter médico ou assistencial, e a pré escola as sistema educacional” (Kramer, 1985).

Este trabalho de conclusão de curso está embasado no funcionamento da pré escola como um sistema educacional, que valoriza os conhecimentos que as crianças possuem para assim adquirir novos. Acredito que a criança seja um ser social, como afirma Kramer (1985), “ela tem uma história, [...] vive uma geografia, [...] pertence a uma classe segundo seu contexto de origem, [...] apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais

estabelecidas, [...] ocupa um espaço que não é só geográfico, mas também de valor, ou seja, ela é valorizada de acordo com os padrões do seu contexto familiar e de acordo também com a sua própria inserção nesse contexto”.

Giesta (2007) relata que a criança, ao se comunicar com o mundo, utiliza diferentes linguagens, nas quais criam e afetam as interações entre as pessoas que estão ao seu redor. Ela também cita princípios que estimulam o aprendizado da criança. Para isso, usar jogos e brincadeiras é de extrema importância a fim de transmitir uma linguagem verbal e corporal para os mais novos e, para os as crianças que já frequentam a pré escola, é indispensável a articulação (de forma prazerosa) entre o lúdico e as atividades do cotidiano escolar.

[...] Educação infantil deve buscar a interação entre as diversas áreas do conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores, veiculando informações que favoreçam a aquisição de conhecimentos sobre o espaço, tempo, comunicação, expressão, a natureza e as pessoas” (Giesta, 2007)

Como já ressaltado anteriormente, a importância da segunda língua não se restringe apenas às crianças, mas, de acordo com Chevrie-Muller e Narbora (2005 apud Ferreira, 2007) há vantagens na aprendizagem de uma segunda língua na idade pré escolar:

A criança bilíngue compartilha um grande número de traços com seu homólogo unilíngue. Ela também adquire progressivamente novas aptidões psicomotoras que lhe permitem administrar a organização espacial e temporal de seu ambiente, e resolver tarefas cognitivas cada vez mais complexas.

Viera (2008, apud Cruz e Finholdt, 2010) completa ser de grande importância a aprendizado da L2 para crianças pequenas, pois elas possuem mais facilidade de adaptarem o aparelho fonador para articularem palavras da segunda língua, além disso, ela completa que a criança tem ganhos “comportamentais, linguísticos, sociais e mentais” ao aprenderem outra língua desde pequenas.

Schutz (2008 apud Passos, 2012) concorda com esses autores ao afirmar que quanto mais cedo a criança entra em contato com o novo idioma, maior será sua aceitabilidade e naturalidade em relação a nova língua.

[...] quanto mais cedo a criança começa a aprender uma segunda língua, mais efetiva será sua aquisição. Isto é devido, em parte, pelo fato de a criança mais nova possuir habilidades mais generalizadas e da importância da estimulação nessa fase. Crianças mais novas tendem a preocupar-se menos em cometer erros e são mais propensas a iniciar a comunicação com outros, independente do código linguístico. (Projeto pedagógico Maple Bear 2015)

Genesse (1993 apud Passos, 2012), ao abordar o tema educação bilíngue, fala sobre as diferenças entre crianças bilíngue e crianças monolíngues. Suas pesquisas apontam que no começo as crianças bilíngues podem apresentar algum atraso, como a demora no início da fala, porém essa pequena diferença é superada facilmente, uma vez que por volta dos três anos de idade, a criança bilíngue já consegue trocar com facilidade de uma língua para a outra, fato que, naturalmente, não ocorre com as crianças monolíngues. Os alunos que desenvolvem o bilinguismo têm níveis mais altos de proficiência a longo prazo, muito semelhante a língua nativa.

Na maioria dos casos, eles conseguem níveis de proficiência semelhantes aos nativos desde que haja exposição adequada e “natural” [...]; tal não sucede com a maioria dos alunos mais velhos. Esta diferença tem sido explicada em termos de um período crítico de base neurofisiológica para aprendizagem da linguagem (Genesse, 1994)

O autor ainda afirma que a criança adquire a L2 de uma forma *sequencial*, primeiro há o período no qual a criança, mesmo estando inserida em um ambiente predominante da L2, faz o uso da L1; em seguida, a criança passa pela fase do silêncio, que o autor chama de **não-verbal**; este silêncio serve para a criança absorver o máximo possível que os professores e as crianças falam na L2. Em seguida, as crianças dão início a **frases telegráficas** e **frases feitas**, sendo este um período em que as crianças vão utilizar as frases feitas como apoio para conseguirem se comunicar com colegas e professores e as frases telegráficas parte do conhecimento adquirido na sala, como os nomes dos objetos expostos nela. Por último, as crianças são capazes de produzir frases mais complexas na L2, pois a mesma já começou a desenvolver um entendimento sintático e gramatical da língua.

Para Martins (2007), querer se comunicar com outras pessoas na L2 é extremamente importante para que a aquisição ocorra. A criança, ao se sentir confortável nas situações de interações sociais na segunda língua tendem a

progredir mais fácil e rapidamente no aprendizado desta língua. “Dessa forma, é de grande valor iniciar a criança no uso da segunda língua o mais cedo possível, a fim de aumentar o grau de proficiência” (Martins, 2007).

Com isso a escola tem que priorizar a valorização da nova língua de modo que as crianças se sintam incentivadas a usá-las. Conscientizar os pais dessa importância também se mostra extremamente relevante para que a língua seja valorizada também fora da escola (Martins, 2007, apud Passos, 2012).

Ao estudar o desenvolvimento da linguagem em ambientes bilíngues, Ferreira, 2007) afirma que existe uma diferenciação entre os alunos mais velhos e os de idade pré-escolar. Tal diferenciação, segundo Genesse (1994, apud Ferreira, 2007) ocorre devido a divergências de aptidão de aquisição de linguagem, capacidade cognitiva, conhecimento geral do mundo e saber linguístico prévio.

O aprendizado da L2 em crianças de idade pré-escolar ocorre juntamente com o processo de desenvolvimento da língua primária, período em que este processo está completamente atuante, “conforme a idade da criança aumenta, o processamento da linguagem se modifica” (Genesse, 1994, apud Ferreira, 2007).

Martins (2007) também cita a questão da ansiedade nas crianças quando recebem a segunda língua e afirma que, caso a criança apresente certa insegurança, é compreensível. Em sua tese, ela apresenta casos de crianças que não se sentiam capazes de aprender a L2. A fim de minimizar a ansiedades nas crianças, a autora notou que, em alguns casos, professores utilizam a língua materna para que a criança se sinta mais confortável, porém o uso da L2 é sempre incentivado. Ela ainda afirma que os pais que inserem seus filhos em um ensino bilíngue precoce precisam ter certa paciência, pois da mesma maneira que as crianças demoram para falar com fluência a primeira língua, ela também leva um tempo para conseguir se comunicar na segunda língua.

Os professores representam um papel muito importante na vida das crianças que já estão inseridas na escola, Passos (2012) afirma que a ação do professor na educação infantil não é somente transmitir seus conhecimentos, é

fundamental que esse profissional crie relações com as crianças para oportunizar o contexto de ensino-aprendizagem da criança.

Silva e Calazans (2004, apud Passos, 2012) ressaltam que uma educação de qualidade se dá de acordo com a relação professor-aluno, sendo assim necessário que o professor trate seu aluno com respeito, carinho, amor compreensão e competência profissional. Eles completam que o professor deve proporcionar um ambiente saudável e acolhedor, favorável à aprendizagem do aluno.

Fávaro (2009) completa que é papel do professor ser reflexivo e crítico para formar o cidadão, aliás, cabe a ele fazer com que a aula tenha sentido para o aluno. A autora conclui que para ser um bom professor no contexto bilíngue não basta saber bem a língua que é ensinada, é preciso ter vários recursos pedagógicos.

Baker (2001, apud Martins, 2007) cita dez técnicas que podem ser utilizadas por professores de currículo de imersão, são elas:

- Oferecer às crianças suporte ao contexto da língua que está sendo usada, como linguagem corporal, expressões faciais e dramatização;
- Dar instruções bastante diretas, por exemplo, sinalizando bem claramente o momento de iniciar ou terminar uma tarefa;
- Conhecer melhor a criança e seu ambiente familiar e desta forma conectar novos conhecimentos àqueles já assimilados por ela;
- Utilizar constantemente material visual que ilustre com objetos concretos, figuras ou projeções, dando à criança plenas oportunidades de atividades manipulativas e de experimentação, assegurando que ela possa usar todos os sentidos nas experiências de aprendizagem;
- Obter constante feedback sobre o nível de entendimento das crianças e realizar um diagnóstico do desenvolvimento de sua linguagem;
- Retomar o que foi visto através de repetições, resumindo os conceitos desta forma, assegurando-se de que as crianças atendam aos comandos de direção;
- Servir de modelo do qual a criança se apropria para desenvolver sua linguagem;
- Não corrigir constantemente o aluno, pois o erro é parte do processo de construção;
- Usar grande variedade de estratégias na resolução de problemas;
- Utilizar métodos variados de avaliação da compreensão do aluno. (Martins, 2007)

Chaguri (2004, apud Passos, 2012) acredita que o ensino para as crianças em idade pré-escolar deve estar ligado ao vocabulário e ao lúdico.

Cruz e Finholdt (2010, apud Passos, 2012) afirmam que quando a aprendizagem é passada de forma lúdica e divertida, a criança tende a ter facilidade de assimilação e compreensão do conteúdo. Ambos ressaltam que a apropriação da oralidade se completa quando o professor envolve o aprendizado ao contexto vivido.

Giesta (2007) fala sobre o uso do livro didático no ensino bilíngue da educação infantil e afirma que o professor tem a função de ampliar o vocabulário da criança, ensinando-a formas de se expressar e comunicar.

Quando a função do professor é a de ensinar a língua materna, Giesta (2007) afirma que isto amplia o conhecimento da criança, pois elas já têm um conhecimento abrangente da língua, porém, no caso da língua estrangeira, os alunos não têm este conhecimento, além do ganho linguístico, há o ganho cultural. Logo, não cabe ao professor transmitir estereótipos, e sim contribuir para o ganho cognitivo e afetivo; a transmissão da cultura é indispensável.

# Pesquisa de campo

## A escola pesquisada

### 1. Breve Descrição

A Maple Bear Canadian School é uma rede de escolas de Educação Bilíngue nos segmentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental existente em vários países do mundo, entre eles: Canadá, Índia, Estados Unidos, Mexico, Marrocos, Bangladesh, Brasil, Emirados Árabes, Coréia, Vietnã.

A Maple Bear está em operação no Brasil desde 2004 e, atualmente, há mais de 20 unidades espalhadas pelo país. A escola é reconhecida pela alta qualidade de suas aulas e metodologia. Pelo menos 50% das aulas são em Inglês, preparando os alunos para um ambiente bilíngue. Entre os dois mais importantes pilares do programa Maple Bear estão: imersão na língua inglesa e as melhores práticas na área da Educação.

O Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maple Bear são baseados no atual sistema de ensino infantil canadense. Várias adaptações são feitas para assegurar que Diretrizes Educacionais Nacionais sejam inseridas no programa.

As aulas são voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências nos campos do raciocínio lógico-matemático, raciocínio analítico, interpretação e criatividade, entre outros. As crianças desenvolvem autoconfiança, tornando-se mais capazes e competentes para aprender. Os conteúdos são integrados e trabalhados de forma interdisciplinar.

Os programas de Educação Infantil e séries iniciais da Maple Bear apresentam diversos espaços de aprendizagem para atividades de pequenos ou maiores grupos. Como crianças e adolescentes precisam estar ativos, há uma variedade de centros de aprendizagem e áreas que atendem às diversas necessidades e interesses, de acordo com cada idade.

## 2. Princípios metodológicos

A metodologia de ensino da Maple Bear está baseada na proposta construtivista, ou seja, o objetivo é proporcionar à criança a oportunidade de explorar e descobrir todas as possibilidades do seu corpo, dos objetos, das relações, do espaço e, através disso, desenvolver a sua capacidade de observar, descobrir e pensar. As Atividades são programadas para inserir o conteúdo a ser trabalhado dentro do objetivo a ser alcançado pela escola.

Na Educação Infantil, busca-se a integração da criança pelo desenvolvimento dos aspectos biológicos, psicológicos intelectuais e socioculturais, preparando-as para a continuidade do processo educacional, em termos de Ensino Fundamental.

Os alunos utilizam diversos espaços de aprendizagem para atividades de pequenos ou maiores grupos. Como as crianças precisam estar ativas, há uma variedade de centros e áreas que atendem às diversas necessidades, interesses e idades das crianças. São eles:

- Centro de Artes;
- Centro de Construção: Contém blocos e brinquedos de montar incentivam as crianças a projetar, criar e construir.
- Centro de faz-de-conta: Essa área fornece suporte às crianças para que brinquem de casinha, de médico, e loja. Dispõe também de fantoches e fantasias para despertar a imaginação e a criatividade dramática.
- Centro de jogos: Quebra-cabeças e jogos interativos para que as crianças compartilhem ideias, solucionem problemas e desenvolvam sua coordenação motora fina.
- Biblioteca e Centro Multimídia: Contém diversos livros e fitas disponíveis para o aprendizado das crianças.
- Centro de Matemática: Materiais manipuláveis para que as crianças classifiquem, contem, meçam e aprendam conceitos matemáticos.
- Centro de Música: Instrumentos musicais simples, industrializados ou feitos pelas crianças são materiais disponíveis que encorajam a experimentação do som, tempo e ritmo das canções.

- Centro de Areia e Água: Xícaras, colheres e funis permitem que as crianças meçam e conheçam mais sobre conceitos ligados ao volume.
- Centro de Ciências e Experimentos: Tesouros como pedras, ninhos, insetos, ossos e conchas são trazidos pelas crianças e compartilhados nessa área. Imãs, balanças, livros e lentes de aumento encorajam as crianças a observar e a investigar.
- Centro de Escrita
- Habilidades de Coordenação Motora: Áreas cobertas e espaços ao ar livre para brincar e desenvolver atividades físicas.

### 3. Maple Bear Campinas

A Maple Bear Campinas foi fundada em 2015, atende crianças do ensino infantil até o fundamental I. Encontra-se no bairro Taquaral, em, Campinas, e é uma escola muito agradável. O ambiente é totalmente planejado para estimular os alunos.

A escola é composta das seguintes dependências:

- Recepção
- Secretaria
- Sala de Coordenação
- Diretoria
- Sala para especialistas
  - Professor de artes
  - Professor de música
- 9 salas de aulas
- Fraldário
- 1 Cozinha para aulas de culinária
- 1 Refeitório de apoio para aulas de culinária
- Sala de professores
- Cozinha industrial
- Refeitório
- 19 Banheiros completos (inclusive com acessibilidade)
- Quadra poliesportiva

- Anfiteatro
- Parque de recreação I – playground
- Parque de recreação II – quebra cabeça gigante
- Parque de recreação III – casa de boneca e caixa de areia
- Parque de recreação IV – brinquedos para motricidade
- Horta
- 2 Estoques

A Maple Bear Campinas contém salas de:

- Toddlers: 2 anos
  - Manhã: 16 crianças
  - Tarde: 15 crianças
- Nursery: 3 anos
  - Manhã A: 16 crianças
  - Manhã B: 14 crianças
  - Tarde: 17 crianças
- Junior Kindergarten: 4 anos
  - Manhã: 18 crianças
  - Tarde: 11 crianças
- Intermediate kindergarten: 5 anos
  - Manhã: 8 crianças
  - Tarde: 9 crianças
- Year 1: 6 anos
  - Das 08:00 às 15:30: 18 crianças
- Integral: sala multisseriada
  - Manhã: 12 crianças
  - Tarde: 33 crianças

Os portões se abrem às 07:40 da manhã, os estagiários têm que tirar as crianças dos carros e garantir que as mesmas fiquem sentadas em banquinhos coloridos até as 08:00, quando os professores saem das salas para busca-las.

Cada criança, ao entrar em sala, precisa colocar sua mochila encostada na frente de seu nome e foto colados na parede e tirar sua agenda de dentro da

mochila (que vai e volta todos os dias, funcionando como um meio de comunicação entre pais e professores). O portão se fecha às 08:20. Caso algum aluno chegue depois desse horário, as secretarias levam os alunos às salas.

As crianças geralmente brincam com algum brinquedo determinado pelas professoras até o horário de fechar o portão; blocos de madeira, jogos educativos, entre outros. As professoras fazem com que as crianças guardem os brinquedos através da música "Clean Up"<sup>4</sup> para começarem o dia, através do "Circle time".

Neste momento as crianças, juntamente dos professores, cantam, fazendo o calendário, falam sobre o clima (se está quente ou frio, fazendo sol ou se está chuvoso, nublado), quais são as atividades do dia e a rotina.

O calendário é feito para que as crianças aprendam sequências e números. Há um cartaz com o nome do mês e o espaço dos dias. A construção do calendário varia de acordo com a idade das crianças. Os "Toddlers" contam os números e trabalham sequências simples ( A + B + A + B...), já a turma do Junior Kindergarten começam a escrever o número no calendário e trabalham com sequências mais complicadas (A+ B + B + A + A + B + B + A...).

Depois da roda inicial, inicia-se a atividade do dia. O tema das atividades muda a cada semana, de acordo com o planejamento de cada turma.

Às 10:00 é servido o "Snack", um lanche preparado pela escola contendo alguma fruta, suco e carboidrato. Em seguida, as crianças podem se dirigir ao parque ou à sala de aula.

Como já ressaltado anteriormente, a sala é dividida em "centers", as crianças podem brincar e explorar a sala livremente, desde que cuidem do material, da arrumação da sala, dos amigos e de si mesma. A partir do Junior Kindergarten (JK) as crianças que já têm aula de música e educação física com profissionais da área, sendo essas aulas divididas durante a semana.

Ao final do dia, as crianças ou vão para casa, ou almoçam. Depois do almoço são direcionadas para o "nap time", ambiente preparado para as crianças dormirem até por volta das 13:30, onde são direcionadas para a sala do integral.

---

<sup>4</sup>Música anexada ao final deste Trabalho de Conclusão de Curso.

No integral, as crianças desenvolvem atividades de mercenária, ciências, culinária e jardinagem, além de aulas com especialistas de música, caratê e artes.

## A Pesquisa

Como já dito na introdução, a pesquisa foi realizada com estagiários, professores e coordenadores que trabalham da Maple Bear Canadian School da cidade de Campinas, que atende 142 crianças em ambos períodos, matutino e vespertino. Dentre esses profissionais entrevistados, estão 12 mulheres e homens, formados, ou cursando, pedagogia ou letras.

O questionário foi feito online, anonimamente. Escolhi realizar o questionário online, pois acredito que o profissional pode se sentir mais à vontade ao preencher as questões no horário em que desejar, e, anonimamente, pois acredito que, algumas respostas podem variar se o profissional tiver ou não que colocar seu nome.

O questionário está disponível em Apêndice, ao final deste trabalho de conclusão.

### 1. Perguntas e resultados

Escolhi apresentar algumas respostas por meio de gráficos, pois acredito ser uma maneira mais clara para o leitor.

Gráfico 1: Formação dos entrevistados

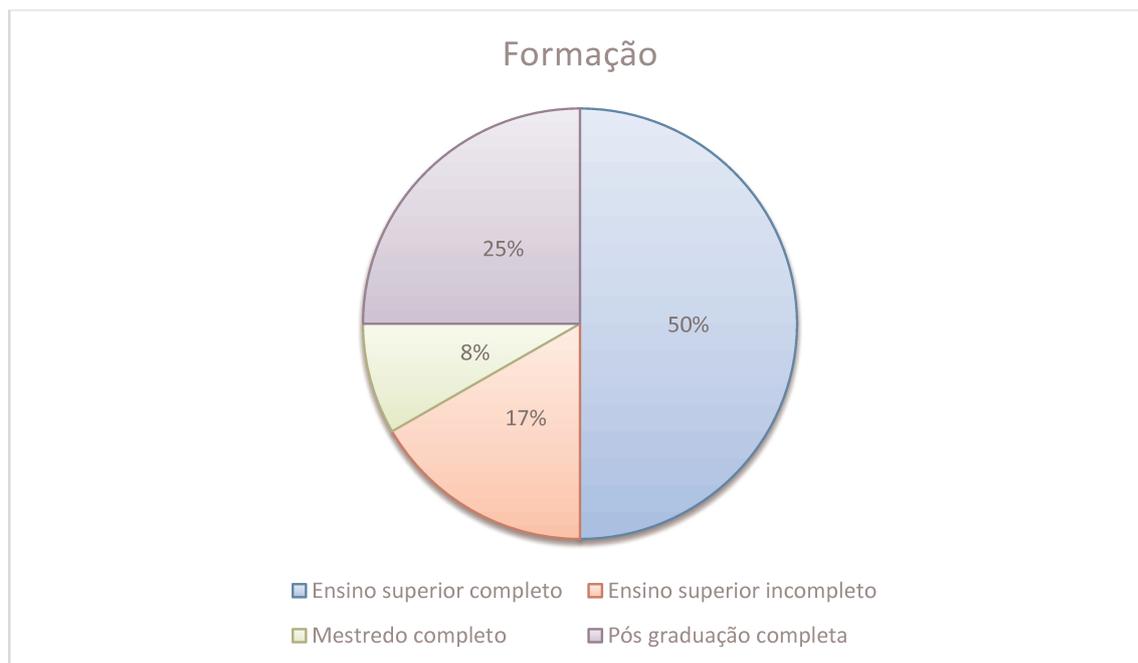
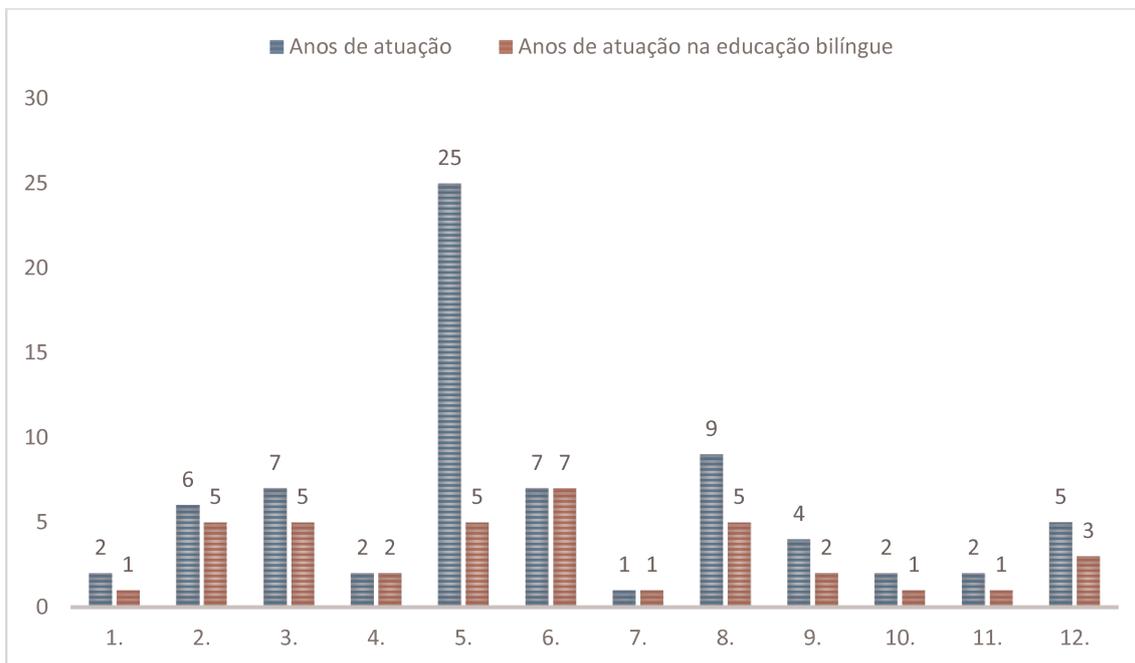


Gráfico 2: Anos de atuação versus anos de atuação na educação bilíngue



Os gráficos representam a formação e tempo de atuação destes professores. Apesar de alguns profissionais já trabalharem há alguns anos inseridos no meio escolar, é possível perceber que, no geral, são profissionais que estão inseridos no meio bilíngue há pouco tempo, reforçando que é uma educação nova em nosso país que vem ganhando cada vez mais visibilidade e espaço.

No questionário, havia algumas perguntas sobre a formação dos profissionais, além de seu grau de escolaridade, são elas:

- Você teve alguma disciplina em sua graduação em que se discutiu educação bilíngue?
- Em caso positivo, qual?
- Você já pensou ou fez algum curso de extensão em educação bilíngue? Qual/Quais?
- A escola em que você trabalha oferece algum curso de formação?

Todos os participantes, sem exceção, não tiveram a disciplina em sua graduação em que se discutiu educação bilíngue. Além disso, nunca participaram de um curso de formação específico voltado para esse tipo de

educação, com a exceção de uma das candidatas, que realizou o curso fora do país.

A maioria dos participantes afirmaram que têm vontade de realizar um curso de especialização voltado ao ensino de uma segunda língua para séries iniciais, porém não conhecem um curso que abrange esse tema.

Eles também afirmaram que a escola em que trabalham oferece alguns cursos. Estes são oferecidos anualmente e abrangem a metodologia da escola, como ensinar/ usar o método da escola em cada nível de ensino; dentro desses cursos, existem cursos de matemática, artes, alfabetização em língua inglesa, entre outros, voltados para a metodologia Maple Bear.

Como afirmam os profissionais da escola, o método utilizado é o da imersão, nele, todos os conteúdos são trabalhados em inglês, desde o lavar as mãos até a diversidade da floresta amazônica.

Existem momentos, durante o dia, em que o profissional interage com as crianças em pequenos grupos ou individualmente, segundo eles estes momentos são de extrema importância para conhecer a criança individualmente e trabalhar suas dificuldades, estimulando sempre seu aprendizado.

Além disso, “esses momentos são propícios para observar o desenvolvimento cognitivo das crianças e como está a aquisição da língua estrangeira” (resposta de um dos participantes).

Outra participante afirmou que estes “momentos individuais ou de pequenos grupos aumentam a chance de foco e entendimento do idioma por parte das crianças”, tornando-os assim, indispensáveis.

Os participantes responderam que falam somente em inglês com as crianças, “exceto momentos que preciso ter certeza que todos entenderam. Como regras em situações de perigo”, “o português é usado somente em casos extremamente necessários, como em alguns conflitos e com crianças que acabaram de entrar na turma”. Segundo um entrevistado, “com exceção de momentos em que a criança precisa de um consolo mais sério”, ele utiliza o inglês todo o tempo. Somente um participante afirmou utilizar a língua portuguesa em instruções e alguns comandos.

Quando alguma criança não entende o que é explicado ou falando, os profissionais afirmaram que procuram outros recursos para fazê-los entender

como desenhos, imagens e gestos. Eles repetem o inglês ou mudam algumas palavras, citam exemplos. Um recurso que eu acredito ser muito eficaz que alguns afirmaram que utilizam é solicitar a ajuda de outra criança. “Explico novamente em Inglês, gesticulando, usando palavras mais simples, citando exemplos. Quando ainda assim a criança não entende, peço para um colega da criança explicar”. “Tento ser o mais didática possível, fazer gestos, mostrar, em último caso falo em português”.

Sobre as impressões do ensino bilíngue, todos os profissionais afirmaram que é um ensino eficaz e que gostam muito desta educação. Dentre as respostas, selecionei algumas:

“É incrível como as crianças são capazes de entender tudo e se apropriar tão rápido de uma segunda língua. É muito bom ser professora bilíngue! Temos desafios e muitas alegrias! ”

“O ensino bilíngue possibilita que a criança pense sempre em duas possibilidades.”

“Gosto muito e vejo desdobramentos que vão além do que a fluência em duas línguas.”

“O cérebro humano é capaz de aprender de modo variado e a oferta da imersão em duas línguas permite uma maior desenvoltura no entendimento do mundo. Com a exposição a duas línguas, o cérebro se 'habituá' a ver os objetos sempre 'nomeados duas vezes'. Com isso, o cérebro bilíngue se habituá a ver o objeto por ângulos diversos ampliando a interpretação do mundo.”

“Gosto muito. Vejo como uma oportunidade de aprender uma segunda língua de forma natural e prazerosa. ”

“Acho maravilhoso porque ele amplia os horizontes da criança.”

Quanto a melhor idade para inserir as crianças no ensino bilíngue, todos, sem exceção, afirmam: “quantos mais cedo, melhor!” “Pois a criança nova não faz muita distinção dos sons e aceita melhor a imersão.”

Naturalmente, um dos quesitos citados por todos os entrevistados sobre considerar importante para atuar no ensino bilíngue é o conhecimento vasto da segunda língua. Um dos participantes afirmou que é extremamente importante acreditar no ensino bilíngue, não posso discordar. Acredito que os profissionais devem se inserir e trabalhar em meios que acreditam, de nada adiante tem um

conhecimento fenomenal da língua, se não acredita a aplicação dela nas séries iniciais.

Além do vasto conhecimento da L2, é necessário “muito "jogo de cintura", para superar os obstáculos (dúvidas dos pais, crianças que não estão no mesmo nível esperado para a turma, etc)” , “ter criatividade para tentar de diversas formas e meios explicar tudo em inglês” e “nunca parar de estudar”.

## Conclusão

“Acredito que pensar em ensino-aprendizagem da língua estrangeira/língua internacional para a Educação Infantil significa reconhecer que essa é uma prática que atinge um número cada vez maior de escolas particulares em grandes cidades brasileiras. Deveríamos, portanto, incentivar estudos e debates que possam culminar em: (1) formação de professores e profissionais; e (2) projetos de implementação de ensino-aprendizagem de língua estrangeira/língua internacional em creches e em outras instituições de educação infantil da rede pública, para tornar a educação no país mais justa. Acredito ainda que essa seria uma forma de tornar possível a essas crianças a participação na vida contemporânea por meio dos múltiplos discursos que circulam em língua estrangeira/língua internacional, isto é, tornando-a agentes construtores e transformadores de sua realidade” (WOLFFWITZSANCHEZ, 2009)

O tema pesquisado é muito amplo, e, apesar de alguns autores apontarem como pouco estudado, não posso concordar. É verdade que pesquisas vem surgindo recentemente, porém é um tema que está cada vez mais sendo aprofundado. O próprio “bilinguismo” apareceu com definições conflituosas, em que os autores afirmavam diferentes conceitos sobre a educação bilíngue e a pessoas bilíngue.

Na primeira parte do trabalho, na qual a teoria de Jean Piaget é apresentada, ele relata que “é no contexto de imitação que se adquire a linguagem, e este tem se mostrado um fator essencial para essa aquisição, uma vez que se a linguagem fosse aprendida apenas por condicionamento, teria que ocorrer muito antes” (Passos, 2012). A educação bilíngue que teve mais destaque nos textos lidos foi a educação da língua inglesa, na qual há o incentivo dos pais para que a criança a aprenda, uma vez que não há necessidade de se aprender essa outra língua para morar no Brasil.

As crianças que são inseridas no ambiente bilíngue do Brasil, possuem como principal referência seus professores e amigos, já que, em outros contextos, fora da escola, a língua internacional não é usada. Cruz e Finhold (2010). Isso está de acordo com o parágrafo acima, pois uma vez que o professor é o modelo se faz necessário ter um bom domínio da língua, para que não seja passada de forma errônea a criança.

Ao falar sobre o profissional da educação, é importante ressaltar que este deve estar sempre estudando, pois, os conhecimentos estão em constante mudança, é necessário, como qualquer outro profissional, que o professor

esteja sempre se atualizando. Leffa (2001, apud CRUZ e FINHOLD 2010) ressalta que para o professor de uma escola bilíngue ter um bom desempenho não basta ter domínio da língua, a ação pedagógica também tem grande importância. Podemos perceber que esta afirmação está de acordo com as respostas dos professores entrevistados, nas quais todos relataram a importância do domínio do inglês e de conhecimentos pedagógicos.

Os estudos mais recentes da educação bilíngue para crianças têm mostrado que estas apresentam avanços cognitivos e conseguem atingir um nível de proficiência maior da língua. Os professores que participaram da pesquisa concordam que a criança deve ser inserida o quanto antes no meio bilíngue, pois elas têm facilidade em aprender.

Concluo o meu trabalho afirmando que o método de imersão tem sido propriamente utilizado quando o assunto é ensino bilíngue, no qual as crianças estão desenvolvendo a L2 naturalmente, não mostrando nenhum tipo de perda até então.

## Bibliografia

- BAKER, C. Foundations of bilingual education and bilingualism. 4ed. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2006.
- BOONE, Daniel R.; PLANTE, Elena. Comunicação humana e seus distúrbios. 2 ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994..
- CARVALHO, Adriana. É possível aprender outro idioma antes dos 7 anos? Educar para crescer, São Paulo: Abril, 2012.
- CRUZ, L. L. M. FINHOLDT, C.T.D. O ensino-aprendizado da língua inglesa para crianças não alfabetizadas. FAZU em Revista, Uberaba, n.7 , p. 238 - 247, 2010. Disponível em [www.fazu.br](http://www.fazu.br), acessado em 04 de outubro de 2015
- FÁVARO, F. M. A educação bilíngue (português/inglês) na cidade de São Paulo e a formação dos profissionais da área: um estudo de caso, 2009.
- FERREIRA, Letícia, B. Aprendizagem de 2ª língua: O ensino de inglês na Educação Infantil. Bauru, 2007.
- FLORY, E. V. Referências do bilinguismo precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria da equilíbrio de Jean Piaget. Tese (Doutorado em Psicologia) – USP, 2008.
- GIESTA, L. C. Livro idádico ao ensino de língua estrangeira na educação infantil: noções de ensino e aquisição de vocabulário.188f. 2007 Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- HAMERS, J. F. & BLANC, M. H. Bilinguality and Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- KRAMER, S. O papel social da pré-escola. Cad. Pesq., São Paulo (58): 77-81, agosto 1985.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB), Brasília 11º edição, 2015.
- MACNAMARA, J. The bilingual's linguistic performance: a psychological over view J. soc. Issues, 1967
- MARTINS, M. G. L. Uma experiência de desenvolvimento de projetos didáticos na educação infantil bilíngue. 2007. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-

Graduação em Educação. Área de concentração: Didática) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP.

MEGALE, A. H. Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005.

MELLO, H. A. B. O falar bilíngüe. Goiânia: Ed. UFG. 1999.

MELLO, H. A. B. O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês: eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma escola bilíngüe. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UNICAMP, Campinas, 2002.

MIACOVSKY, A. Produção Criativa na Atividade Sessão Reflexiva em Contextos de Educação Bilíngüe, 2008.

OEBI – ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS BILÍNGUES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.oebi.com.br>> Acessado em: 27 de agosto de 2015.

PASSOS, M. O ensino da segunda língua na educação infantil: um estudo bibliográfico. 2012

PIAGET, J. A linguagem e pensamento da criança, 1973.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia, 1969.

ROCHA, C.H. O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas. 2008.

ROCHA, C.H. O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro.

SILVA V. R.; FREITAS C. C. “Teaching for the World”: Reflexão crítica sobre a Educação Bilíngüe em uma Escola de Elite de Goiânia, 2012.

SOARES, I. M. Educação bilíngüe e o ensino da língua estrangeira: um estudo de caso. 144 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco.

SOUZA, A. C. R. C. BILINGÜISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Estudo de campo e análise de questionários, 2014.

VIEIRA, C. Cultura em estéreio. Revista discutindo língua portuguesa, São Paulo, v.2, n.10, p.32-38. 2008.

WEINREICH, U. Languages in contact: finding and problems. The Hague: Mouton. 1953

WOLFFWITZ-SANCHEZ, N. Formação de Professores para a educação infantil bilíngue. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 217, 2009.

ZORZI, M. H. C. Interferências da língua portuguesa e da língua inglesa no processo de aquisição da escrita em uma escola bilíngue. 2014

# Apêndice A

## Questionário sobre a educação bilíngue

- 1- Qual a sua formação?
  - a) Magistério
  - b) Superior incompleto
  - c) Superior completo
  - d) Pós graduação
  - e) Mestrado
  - f) Doutorado
  
- 2- Você teve alguma disciplina em sua graduação em que se discutiu educação bilíngue?
  - a) Sim
  - b) Não
  
- 3- Em caso positivo, qual?
  
- 4- Há quanto tempo você trabalha com educação?
  
- 5- E com educação bilíngue?
  
- 6- Você já pensou ou fez algum curso de extensão em educação bilíngue? Qual/Quais?
  
- 7- A escola em que você trabalha oferece algum curso de formação? Qual/Quais?
  
- 8- Você sempre quis trabalhar com educação bilíngue? Por quê?
  
- 9- Você sempre trabalhou com educação bilíngue? Por quê?

10- Faça uma breve descrição sobre sua atuação como professor bilíngue (em que contexto, quais as línguas ensinadas, séries atendidas, número de alunos, entre outras)

11- Qual é a idade de seus alunos?

12- Você sempre trabalhou com essa faixa etária?

13- Há momentos de interação de educador com pequenos grupos ou individualmente com as crianças?

a) Sim

b) Não

14- Em caso positivo, o que você pretende nestes momentos?

15- Você trabalha todos os conteúdos em Inglês?

16- Você fala somente em inglês com as crianças?

17- Quando alguma criança não entende uma explicação, qual sua postura?

18- Quais as suas impressões sobre o ensino bilíngue?

19- Qual a melhor idade para a criança ser inserida no ensino bilíngue?  
Por quê?

20- O que você considera importante para atuar no ensino bilíngue?

## Apêndice B

### Música “Clean Up”

“Clean up, clean up now,  
Clean up, you know how!  
Clean up, you will see  
how clean this room can be!”

### Música “Clean Up” traduzida

"Arrume, arrume agora,  
Arrume, você sabe como!  
Arrume e você verá  
como esta sala pode arrumada!"